

Educação Presidencial

Campanha em novo terreno

Se foi de caso pensado que Luiz Inácio Lula da Silva enfiou a história do caixa 2 na campanha eleitoral, ainda é cedo para saber. Em todo caso, a regra manda levar a sério o que os políticos dizem, mesmo quando eles estão passando pelo momento de pedir votos ao eleitor — é uma temporada de pouca responsabilidade e muito ilusionismo. É muito pequena, praticamente inexistente, a distância entre insinuar, como Lula quer que seja entendida sua fala sobre a venda Telebrás, e acusar, como entendeu, ofendido, o governo do presidente candidato Fernando Henrique Cardoso.

Ao acusar sem provas, Lula pode ter colocado mais um tijolo na construção da imagem de irresponsável e despreparado, cultivada por seus adversários e por uma significativa parcela do eleitorado, segundo as pesquisas e de acordo com o retrospecto de outras eleições. É nisso que apostam os marqueteiros e outros auxiliares do presidente candidato, embora não seja lícito supor que o processo judicial contra o petista seja mera peça de campanha. Mais que o direito, Fernando Henrique tem a obrigação de defender sua honra diante de acusações. Ser e parecer honesto faz parte do contrato de trabalho dos presidentes da República, embora nem todos os ocupantes do cargo tenham levado a obrigação ao pé da letra.

Lula talvez venha a se arrepender do que disse, quando tiver de pagar a fatura jurídica e política da entrevista de quarta-feira. Objetivamente, no entanto, o candidato petista levou a campanha eleitoral para terreno ainda não trilhado e o fez, certamente, na expectativa de tirar proveito da mudança. Desde a entrevista do caixa 2, ninguém mais incomoda Lula com perguntas sobre economia, a condução do Real e a política de câmbio num eventual governo petista.

O comando do PT e seu candidato vinham cuidadosamente evitando o assunto, embora seja

impossível calar todas as pessoas envolvidas na formulação do programa das esquerdas. Algo vazou, e da maneira mais desordenada possível, alimentando especulações que o comando da campanha petista preferia evitar. Discutir economia neste momento seria cair numa armadilha preparada pelo governo, avalia o presidente do PT, José Dirceu.

No fundo, os petistas têm alguma vergonha de declarar sua concordância com quase todos os fundamentos do Plano Real, para os quais não têm alternativa. Criticam o óbvio — o desemprego estrutural e a alegada falta de uma política industrial, mas não se deve confundir esse tipo de crítica (com a qual muitos não petistas concordam) com um debate sério sobre macroeconomia. Para o PT e a frente de es-

querdas, entrar nesse debate agora representa um risco duplo: o de não apresentar propostas alternativas consistentes e, talvez mais grave, passar um atestado de competência aos economistas do Real, por mais ressalvas que sejam feitas à condução do programa de estabilização.

Pelo menos provisoriamente, Lula desviou o assunto para o terreno pantanoso das acusações. Não há base científica que autorize o desvio: as pesquisas de opinião costumam conferir ao presidente da República mais defeitos do que ele reconhece ter, mas o da desonestidade não está no cardápio.

Suspeitas existem, sempre existiram, em torno dos grandes negócios públicos, como as privatizações de empresas estatais. Lula colocou sua acusação ao negócio bilionário da Telebrás, que aparentemente passa por uma reversão de expectativas. O petista atirou num leilão que ainda não houve, mas jogando com a lembrança ruim deixada pela venda da Vale do Rio Doce e com uma tendência do eleitorado — esta sim, confirmada pelos institutos de pesquisa — de rever o apoio dado às privatizações em geral. O tempo dirá se foi boa aposta.



■ Ricardo Amaral é jornalista

Lula escapa do debate econômico e tenta desviar o assunto para a questão das privatizações

31 JUN 1995